

A POÉTICA DE SOPHIA ANDRESEN: UM OLHAR DE JUSTIÇA E REALIDADE NO POEMA CATARINA EUFÉMIA

Caroline Silva Muniz¹
José Benedito dos Santos²

RESUMO: Sophia Andresen é uma das figuras mais emblemáticas da poesia portuguesa. Engajada com a realidade, uma das temáticas que buscava tratar em seus poemas eram as coisas que estavam à mercê de seus olhos, bem como a profundidade dos elementos físicos, a sensibilidade feminina para expressar a ordem do universo. Também buscava poetizar os acontecimentos, cantar e explicitar o mundo belo ordenado, como também denunciar a injustiça que era imposta pela ditadura salazarista. No presente artigo será analisado o poema “Catarina Eufémia” que irá discorrer a respeito de como as questões de realidade e justiça são observadas pela autora.

PALAVRAS-CHAVE: Poética andreseniana; Poema; Ditadura Salazarista; Realidade; Justiça.

ABSTRACT: Sophia Andresen It is one of the most emblematic figures of Portuguese poetry. Engaged with reality, one of the themes that sought to address in his poems were the things that were at the mercy of their eyes as well as the depth of the physical elements, the feminine sensibility, which would later contribute to the order of the universe. Also sought poeticize events, sing and express the beautiful world orderly and denounced the injustice that was imposed by the Salazar dictatorship. In this article we will analyze the poem “Catarina Eufémia” and how the reality of issues and justice are observed by the author.

KEYWORDS: Poetic andreseniana; Poem; Salazar dictatorship; Reality; Justice;

INTRODUÇÃO

Sophia de Mello Breyner Andresen é uma poeta singular engajada com a realidade e com o mundo a sua volta. Marcada pela profundidade e pela originalidade, buscou sintetizar em seus poemas o seu desejo de ordem no mundo e o equilíbrio no universo, estabelecendo, assim, uma relação com as coisas e com o mundo.

Sophia nasceu na cidade de Porto no dia 6 de setembro do ano de 1919 e faleceu na cidade de Lisboa no dia 2 de julho de 2004. De origem dinamarquesa por parte de pai, foi célebre também em escrever contos infantis e para adultos, porém o seu campo vasto de escrita diz respeito às obras:

Poesia (1944), Dia do Mar (1947), Coral (1950), No Tempo Dividido (1954), Mar Novo (1958), O cristo Cigano (1961), Livro Sexto (1962), 11 poemas (1969), Dual (1972), O Nome

¹ Graduanda do Curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas.
e-mail: caroline07_muniz@hotmail.com.

² Mestre em Letras - Estudos Literários – pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Professor Substituto de Língua e Literatura Portuguesa – DLLP – ICHL - Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa - GEPELIP. Manaus – Amazonas - Brasil.
CEP: 69077-000. E-mail: profbenesantos@hotmail.com.

das Coisas (1977), Navegações (1983), Ilhas (1989) que estão reunidos no livro *Obra Poética* (3 vols., 1990-1991) e *Musa* (1994) (MOISÉS, 2008, p. 462).

O talento de Sophia Andresen se resume ao aplicar em seus escritos, mais precisamente em seus poemas, as paisagens e os pequenos objetos que a compõe. O eu-lírico explanado nos poemas revela também a intimidade dele com relação a determinados espaços e determinadas situações sociais, de forma que estão relacionados (LIMA & FEITOSA, 2010, p. 36). Analisando por essa ótica, Sophia Andresen destaca-se também por ser uma poderosa voz feminina no que diz respeito à sonoridade: “Tudo indica que estamos perante a voz feminina mais sonora da poesia portuguesa da segunda metade do século XX” (MOISÉS, 2008, p. 463). Foi a primeira mulher a ganhar o prêmio literário mais famoso e se tornou uma das principais poetisas da Literatura de Língua Portuguesa.

1. A POÉTICA DE SOPHIA ANDRESEN

O poema tem a sua raiz etimológica da palavra “poesia” – *poiein* (fazer). Diz respeito intimamente ao fenômeno poético sendo realizado. Porém, quando se fala em poema, remete-se à ideia de poesia, da mesma forma que se pensa em poema, subtende-se a poesia (MOISÉS, 2001). Falar em poemas significa estabelecer uma formalidade e conseqüentemente se torna um pouco mais restrito, pois ganha contorno de círculo, ou de uma esfera: “Reciprocamente, quando aspirasse a vazar em palavras o “sentimento do mundo” que o habita, buscaria a forma de poema” (MOISÉS, 2001, p. 129).

A conceituação de poema pode ser observada nos escritos de Sophia Andresen. O seu lirismo inspira-se no modo de olhar o mundo a sua volta e principalmente se dispõe a observar e a mostrar as coisas por dentro, trazendo uma invulgar sensibilidade feminina (MOISÉS, 2001). A profundidade que caracteriza seus poemas não a faz perder a sua essência feminina, pois a linguagem empregada é próxima da linguagem utilizada na vida cotidiana. Por meio dessa linguagem, ela contempla o universo dinâmico e o mar, sua figura preferida, consiste em uma das representações do universo.

No conjunto da obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen, o encontro mítico com os elementos naturais sempre se envolve de rarefação e sutileza: a sensibilidade da poetisa filtra até os confins as linhas objetivas da realidade física (MOISÉS, 2008, p. 463). De cunho sensorial, Sophia Andresen buscava também perceber a profundidade das questões físicas, o que as permeiam, e abre continuamente os sentidos em relação aos elementos da natureza.

Por abordar essas questões, seus poemas não têm o objetivo de abarcar com precisão temas relacionados ao amor entre duas pessoas e sim do amor coletivo e fraterno:

Outra nota original se lhe acrescenta: Posto que hipersensivelmente feminina, em momento nenhum cede ao lirismo amoroso, na clave sentimental das cantigas de amigo. Seus poemas de amor colocam o sentimento numa altitude inacessível aos sentidos elementares, pois a maturidade e a privilegiada intuição a proibiram de situar noutro plano as questões do coração (MOISÉS, 2008, p. 463).

Sophia Andresen era fascinada pela aura mágica dos elementos, de forma que o ato poético projeta as palavras para a realidade e por essa razão estabelece uma relação com o universo como se a composição do universo em si fosse projetado pelas palavras, de forma mágica, e a ele desse sentido, o que lhe confere uma organização e um sentido a fim de que criar uma ordem no mundo, marcado por conflitos, aspectos negativos e desencontros.

A busca por mostrar a todas as pessoas a harmonia no universo posteriormente levaria Sophia a caminhar por contextos mais sociais vividos na sua época, no caso, o ponto principal neste artigo. Sophia tinha preocupações sociais, o contexto histórico da época alavancou uma sensibilidade também com relação às vítimas assoladas da tensão político-social presenciada, mais precisamente a ditadura salazarista, sentidos não só por Sophia, mas por outros poetas como Jorge de Sena e Alexandre O'Neill:

A tensão da resistência político-social que, desde a emergência do neorrealismo, acompanha a institucionalização de um Estado repressivo e conservador nos anos 30, faz-se sentir em grande parte nos poetas dos anos 50, 60 e 70 [...]. “Em termos de poesia de qualidade, não é possível isolar uma tendência de intervenção política ou de intenção realista, pois elas manifesta-se, e por vezes de modo bem vivo, em obras de sensibilidade tão diferente como as de Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner, Alexandre O'Neill (SARAIVA & LOPES, 2001, p. 1068).

Como presenciou a ditadura de Salazar, Sophia também buscou em seus poemas denunciar essa repressão imposta no seu tempo. Tanto criticava esse período avassalador para muitos, como também procurou exaltar as vítimas que protestaram contra aquela situação político-social na apenas em Portugal, mas na Europa, e que por isso perderam as suas vidas. Catarina Eufémia foi uma das figuras homenageadas pela autora por sua coragem e intrepidez ante as adversidades.

Devido a esse caráter, os poemas também ganhavam um cunho narrativo, influenciado por um temperamento lírico real, concreto e de expressão simples. Isso garante a sonoridade e

a leveza de sua poesia apontando o cuidado com a ato poético e ao mesmo tempo seu compromisso com a realidade.

2. “CATARINA EUFÉMIA” E A DITADURA SALAZARISTA

Em seu intitulado poema “Catarina Eufémia”, Sophia Andresen buscou destacar o que de fato a ditadura salazarista representou para muitas pessoas que tiveram a ousadia de lutar contra esse sistema opressor, o qual respondia com tortura as reivindicações alheias. Além do sistema que imperava na época, o contexto social ainda carregava em sua essência uma sociedade de cunho patriarcal, pois as mulheres não tinham o direito de se expressar livremente e juntamente com as autoras das *novas cartas portuguesas* se revelou uma mulher a frente de concepções arcaicas, que impediam que a mulher tivesse uma vida ativa politicamente (ROANI & MACHADO, p. 4).

A ditadura salazarista foi imposta por Antônio de Oliveira Salazar (1889-1970) que assumiu o poder, em 1932, como chefe de governo, sendo o referido período nomeado também como Estado Novo. As particularidades do sistema em ascensão parte dos pensamentos insistentes de Salazar, manifestadas no seu consulado e que se estenderam durante a sua governação (TORGAL, 2001). O que de fato desencadeou a formação do Estado Novo foi a crise econômica advinda da quebra da bolsa de valores de Nova York e que consequentemente fortaleceu e garantiu a posse do poder por governos ditatoriais que pretendiam, por meio das reformas populistas, formar um governo forte e centralizado e com isso sair da crise em que se encontrava a nação portuguesa.

Particularmente, a ditadura salazarista é convenientemente comparada ao fascismo, pois são dois sistemas possuem pontos em comum, mais não são na sua totalidade muito semelhantes, por se tratarem de sistemas próprios concernentes a uma época, ou seja, para compreender de fato o que teria sido o regime salazarista é necessário entender que relações poderiam ter seus objetivos com o fascismo:

[...] não desejamos voltar a discutir a questão ou as questões de saber se é ou não legítimo falar de “Fascismo” como um conceito fundamental para caracterizar regimes que, apesar de diferentes, são comuns em pontos essenciais e que constituem sistemas próprios de “uma época”, e, por outro lado, de questionar sobre o problema da legitimidade de considerar o Estado Novo português uma forma de “Fascismo” (TORGAL, 2001, p. 392).

Salazar admirava Mussolini, porém, apesar disso, ele queria sempre enfatizar que o seu regime tinha um caráter próprio, diferente daquele instituído por seu incentivador, e a atual

gestão corresponderia a uma questão de autoritarismo moral, enquanto o fascismo consistia em uma caracterização “amoral”, “maquiavélica” e para distinguir os dois regimes, usa uma célebre frase de Mussolini que causa uma certa confusão quanto as peculiaridades dos regimes autoritários encontrados na Europa: “o fascismo é um produto típico italiano como o bolchevismo é um produto russo. Nem um nem outro podem transplantar-se e viver fora da sua natural origem” (TORGAL *apud* FERRO, 1933).

Apesar das diferenças e fosse contra os erros dos sistemas autoritaristas da Alemanha e da Itália, Salazar se mostrava sempre contra a democracia, ou seja, a necessidade era de estados fortes e que a democracia estava em crise, era preciso um poder consolidador para controlar e não permitir a aproximação do período comunista: “Salazar afirmou-se sempre contra a democracia, mesmo no ano de 1945, com o termo da guerra. Criticou os erros dos sistemas autoritaristas da Alemanha e da Itália, condenou o seu “totalitarismo”, mas nunca aceitou os sistemas democráticos, muito especialmente em Portugal” (TORGAL, 2001, p. 394).

Apesar de ser visto como o grande salvador da Pátria por alcançar algumas vitórias em Portugal, o governo de Salazar foi se instaurando como governo autoritário, imperialista e anticomunista, e marcado também pela censura a imprensa e a liberdade de expressão, tanto que ninguém ousava levantar uma opinião contrária ao governo: “A PIDE, polícia secreta, tinha informantes em todos os lugares, por isso ninguém ousava levantar a voz para dizer mal do governo, com medo de ir preso. A censura tinha, portanto, representantes a nível distrital e os quadros que a representavam eram muitos antigos militares pouco cultos e pouco instruídos” (PRATA & CASTELHANO, p. 12).

E é nesse momento marcado por grande censura que Catarina Eufémia surge. Nascida em 13 de fevereiro de 1928¹, foi símbolo de luta e resistência ao regime salazarista por defender dignamente a sua posição ante a sociedade o que a condecorou pelo Partido Comunista Português como ícone da resistência de Alentejo. Corajosa, ela não mediu esforços para mudar o que havia planejado, e com isso pagou com a sua própria vida.

Sua morte ocorreu de forma trágica. Tendo observado todas as dificuldades que os trabalhadores passavam, era notável que algo precisasse ser feito. Catarina e mais treze ceifeiras portuguesas reclamaram com o feitor sobre as condições de trabalho, e exigiram que fosse aumentado o salário por jornadas, de forma que conseguiu influenciar outras povoações:

O processo reivindicativo desenvolveu-se e gradualmente alastrou-se a outras povoações do Alentejo. O culminar deste processo teve lugar no dia 19 de Maio de 1954, quando um grupo de camponeses e camponesas de

Baleizão decidiu contactar abertamente um grupo de trabalhadores recém chegados para que estes trabalhassem pelo salário que tinha sido estabelecido e apresentado aos patrões, e igualmente reivindicarem trabalho, porque não faltava neste período do ano. Quando esse grupo se dirigia para o local onde decorriam as actividades agrícolas foram interceptados por uma força da GNR, comandada pelo tenente Carrajola, a mando da PIDE e seguramente por influência do agrário, para evitar o contacto com aqueles que estavam a trabalhar e escorraçar os grevistas da herdade (QUARESMA, 2002).

Por fim, acabou sendo assassinada a tiros por um tenente, por apenas responder a pergunta em relação à reivindicação dos trabalhadores. Queria apenas “trabalho e pão”. E por esse motivo, Catarina Eufémia foi homenageada por Sophia Andresen em um poema que leva o seu nome e que trata de sua luta, em que a justiça deveria ser feita, pois ela e os trabalhadores queriam resolver seus anseios em missão de paz.

3. O POEMA “CATARINA EUFÉMIA”: SENSO DE JUSTIÇA, DESCRIÇÃO DE UMA REALIDADE

Sophia de Mello Breyner Andresen se destaca por ser uma poetisa que luta a frente de uma sociedade assolada por uma ditadura ameaçadora. Os seus poemas traduzem o ser humano vivendo no mundo, essa essência de observar as questões que o rodeiam, ou seja, a própria poesia é o “ser no mundo”, uma identidade eficaz, pois trata da vida ligada à arte. Com esse intuito, Sophia traz em seus poemas a responsabilidade de quem escreve, não só de tratar o mundo real e os seus problemas, mas também significa um compromisso para além de suas habilidades, como se cumprisse uma missão: “Na obra andreseniana, a missão é a responsabilidade assumida pelo artista nas actividades interligadas da arte com a vida, possuindo um significado equivalente ao de compromisso, vocação e destino” (OLIVEIRA, 2012, p. 14).

Esse é um dos motivos pelo qual a poesia andreseniana se torna marcante, pelo encontro da arte com a vida, assume um papel mais importante e trata a poesia como referência para atingir objetivos, mostrar opiniões, bem como envolver também a atmosfera política como Rita Barbosa destaca em um discurso de Sophia como deputada da Assembleia Constituinte: “Penso que um artista não deve ser governo, mas sim influenciar os governantes” (OLIVEIRA, 2012, p. 14). São mais do que versos bonitos, é uma demonstração de preocupação com o mundo que a cerca, e essas experiências tornam a sua arte uma realidade:

“É dessa identificação entre signo verbal e coisa que nascerá a claridade, a transparência de seus poemas” (FELIZARDO, 2011, p. 01).

Vale ressaltar que a poética andreseniana liga-se com toda essa carga de identidade que o poema oferece. Ela tenta criar uma resistência à destruição, como se a escrita fosse capaz de amenizar o sofrimento que o mundo real poderia trazer. Por isso, “esse lirismo se distanciaria, por sua vez, das funduras e aturdimentos do eu e tenderia a certa despersonalização da voz lírica, ou àquilo que Hugo Friedrich chamou de “desumanização” da poesia [...]” (FELIZARDO, 2011, p. 02).

Os escritos de Sophia Andresen trazem uma forte preocupação social e ética, não se constituem apenas mímesis do real, e justamente isso ela irá demonstrar no poema “Catarina Eufémia”, onde é relatado mais do que um acontecimento, mas sim o real e a noção de justiça frente aos valores humanos.

CATARINA EUFÉMIA (1972)

O primeiro tema da reflexão grega é a justiça
E eu penso nesse instante em que ficaste exposta
Estavas grávida, porém não recuaste
Porque a tua lição é esta: Fazer frente.

Pois não deste homem por ti
E não ficaste em casa a cozinhar intrigas
Segundo o antiquíssimo método das mulheres
Nem usaste de manobra ou de calúnia
E não serviste apenas para chorar os mortos.

Tinha chegado o tempo
Em que era preciso que alguém não recuasse
E a terra bebeu um sangue duas vezes puro
Porque eras mulher e não somente a fêmea
Eras a inocência frontal que não recua
Antígona poisou a sua mão sobre o teu ombro no instante em que
morreste
E a busca da justiça continua.
(Poema de Sophia de Mello Breyner Andresen dedicado a Catarina Eufémia).

O poema, além de explanar um ato histórico e devastador ao mesmo tempo, traz um objetivo peculiar: trazer à tona as percepções daquilo que viveu, e transferir esse acontecimento para o poema, além de equiparar o processo histórico visto como discurso, uma mediação entre a realidade e o texto, de forma que essas eram concepções aliadas ao fazer poético de Sophia Andresen (ROANI & MACHADO, 2015).

O poema acima descreve a coragem de uma ceifeira portuguesa, que se ateu a lutar e reivindicar por melhores condições de trabalho junto aos outros camponeses e por isso foi assassinada. Era uma sociedade amordaçada, e era incomum uma mulher tomar a frente de uma causa pelo povo. Era esperado que houvesse um lado humanizador, um senso de justiça, pois Catarina estava grávida.

Na bibliografia dedicada à poesia andreseniana, encontramos, por um lado, críticos que apontam a justiça como importante veio ético nesses versos, como uma demanda imposta pela necessidade de reagir a todo um contexto histórico, político, econômico e social, que atravessou a II Guerra Mundial, o regime salazarista, instituições como a censura e a PIDE, a Guerra Colonial, a euforia e a decepção com o 25 de Abril (BOECHAT, 2011, p. 126).

Mais do que uma descrição, o poema acima possui um teor crítico sobre a situação de ditadura em Portugal e também revela o cuidado de Sophia Andresen com a elaboração do texto poético. Quanto a isso, Rita Oliveira escreve:

“a descoberta de que os poemas feitos com “economia de dicção” e “obstinado rigor” pertencem à mesma cidadã portuguesa que dialoga com os jornalistas com austeridade, crítica e mesmo mordacidade, ao tratar sobre cultura, educação, urbanização, mudança de governantes no país e o processo de descolonização” (OLIVEIRA, 2012, p. 15).

A primeira estrofe possui o seguinte trecho: “o primeiro tema da reflexão grega é a justiça/e eu penso nesse instante que ficaste exposta” (l.1-2) Trata primeiramente da justiça, uma ideia de justiça grega, de que essa seria uma referência plausível ao significado da palavra. Sophia Andresen se apegou aos desígnios gregos, e essa questão é exposta em seus escritos. No poema, a justiça é um ato moral, é enfrentar as questões sociais, e por outro lado o que seria justo pode também remeter a uma esperança de um mundo melhor. Essa reflexão é posta quando ela diz que pensa no momento em que Catarina ficou exposta. A esse respeito, Oliveira escreve que “é revelado o corpo poético de Catarina, que se doou tanto para gerar homens quanto para construir vida na comunidade”. (OLIVEIRA, p.117).

No próximo trecho da primeira estrofe: “estavas grávida, porém não recuaste/ Porque a tua lição é esta: fazer frente” (l. 3-4). Mesmo tendo conhecimento de suas condições, Catarina não se acovardou. Sabia que sua missão poderia fazer toda a diferença e por isso foi em frente. A ação foi o ponto chave para que ela se tornasse um símbolo em sua luta, um símbolo de resistência. À propósito, Oliveira observa que, “na poesia andreseniana, a ética da

ação ensina a justiça junto com as demais virtudes, e a ação política mostra essa “justa regra” como intervenção em forma de denúncia e testemunho” (OLIVEIRA, 2012, p. 61).

Além de remeter com afinco à realidade do acontecimento, ao testemunho e à questão da justiça, é observada a menção a uma sociedade patriarcal. No trecho da segunda estrofe: “Pois não deste homem por tí/ e não ficaste em casa a cozinhar intrigas/ segundo o antiquíssimo método oblíquo das mulheres” (l. 5, 6,7). É possível observar pelo contexto que o papel do homem e da mulher eram bem definidos: “Essa opressão imposta à mulher está em consonância com a ideologia propagada pelo sistema patriarcal que delegava ao homem o papel de provedor do lar e a liberdade na esfera pública e social, infringindo à mulher o dever de casa” (SILVA & COQUEIRO, 2011, p.08). O homem era sinônimo de força, de provisão, e a mulher cuidava da casa. Catarina rompe com esses ideais. “Foi mesmo além, colocou-se inteira para defender a verdade que a moveu” (OLIVEIRA, p. 117) Seu papel não foi passivo.

Na terceira estrofe, os primeiros versos dizem: “Tinha chegado o tempo, em que era preciso que alguém não recuasse/ e a terra bebeu um sangue duas vezes puro” (l. 10, 11 e 12) Era preciso que alguém tivesse a coragem de tomar a frente dos acontecimentos, o tempo era violento:

Sobre os tempos de violência da primeira década do século XX, Foucault comenta que muitos pressentiam a exacerbação do poder político, especificamente nos anos cinquenta, mas “tinham a sensação de que, sobre essas coisas, melhor era não falar: zona perigosa, sinal vermelho” (OLIVEIRA, 2012, p.73).

Catarina tomou a frente, pois sabia que os seus ideais eram verdadeiros. Exerceu também a justiça por não pensar só em si, mas pensou no bem da comunidade e morreu por essa causa.

O último trecho da terceira estrofe diz: “Porque eras mulher e não somente fêmea/ Eras a inocência frontal que não recua/ Antígona posou a sua mão sobre o teu ombro no instante em que morreste/ e a busca da justiça continua. Catarina optou pelo enfrentamento e acabou pagando com a própria vida, era humana e precisava tomar uma atitude, em meio a tantas tribulações, e a única forma de esse plano se concretizar era liderando uma tropa para reivindicar os direitos que lhe cabiam, e resistiu até o fim. Sua atitude ética embasou um conceito de justiça, pois os gestos humanos são grandes ante a opressão:

A justiça constitui-se na virtude que deve ser procurada por meio de atitudes éticas, nas quais se incluem a tomada de consciência do real, expressos por dois termos recorrentes na obra andreseniana: Olhar e ver... (OLIVEIRA, p. 118).

Sophia busca enfatizar em seu escrito as nuances de um crime que deixou marcas profundas e sentimentos mistos de justiça, revolta relacionadas a descrição da realidade, de cunho político, descrevendo as informações sobre o crime que possivelmente, a imprensa retirara, e após isso a busca pela justiça daria o seu segmento, era como se houvesse esperança de que o que havia de ruim pudesse mudar, esse era um dos objetivos da poética andreseniana:

Primeiramente, podemos apontar, sim, o cunho político, potencializado pela personagem identificada com uma vítima factual, além da inclusão de várias informações sobre aquele crime, detalhes perceptivelmente retirados da imprensa. Devemos apontar também a literal busca de justiça que o último verso preconiza: “E a busca da justiça continua” (BOECHAT, 2011, p. 133).

O poema também faz referência a Antígona, personagem grega que é o símbolo feminino da procura por justiça. A ação de Catarina para fazer valer a justiça é similar a de Antígona que é filha de Édipo e mantém o seu amor fraterno para com o irmão apesar de ele ter cometido atrocidades, e também lutou pelo ideal de poder enterrá-lo. As duas personagens são leais aos seus objetivos e lutam por isso, porém de formas diferentes:

Mas o lugar que Antígona ocupa nessa poética é muito maior do que tem se apontado, sobretudo se forem observados os impasses e preocupações em torno dos conceitos e das noções de justiça trabalhados por Sophia, assim como as implicações que o termo justo/a pode alcançar no conjunto de sua poesia (BOECHAT, 2011, p. 126).

Por serem iguais perante seus ideais, elas são comparadas como símbolos de justiça. Ainda que a morte de Catarina tenha vindo à tona, a justiça ainda não está completa, não foi o suficiente para aniquilar as inquietações. A própria morte de Catarina foi considerada injusta, esperava-se que houvesse entendimento e piedade e não foi o que aconteceu, o poeta promulga essa responsabilidade de retratar atitudes “pesadas”: “Os poetas” sustentam “céus pesados, projetos que exigem coragem e rigor para serem feitos, como abdicar da individualidade e assumir as missões exigidas para o bem viver” (OLIVEIRA, 2012, p. 81).

É possível explicar a questão da justiça e da realidade no poema “Catarina Eufémia” de Sophia Andresen, pois a poesia se encarna no mundo, se constitui de uma identidade, e abriga uma essência. O poema trata o termo justiça em vários aspectos, sendo uma virtude que contempla outras, baseada na ética da ação:

Seu ensinamento consiste na ética da ação, uma proposta de vida segundo a justa medida, que tem consciência de que o seu gesto é a justiça à medida em que empreende a procura desta. Assim, o primeiro e o último verso do poema em estudo se encontram: “O primeiro tema da reflexão grega é a justiça/e a busca da justiça continua” (OLIVEIRA, p. 118).

Por fim, Sophia Andresen não quer apenas relatar acontecimentos. A mesma quer que o leitor se encontre na leitura de seus poemas, promovendo não só reflexão ou a noção de valores éticos e morais, e de premissas de uma época, mas a ideia de que o poema é o “mundo exterior”:

A identificação do texto poético com um corpo vivo, na obra andreseniana, não corresponde à desintegração do poeta, porque este reconhece ser essa escrita uma invenção sempre relacionada com a vida, sobretudo porque o poema é “o mundo exterior” com o poeta quer estabelecer uma forma de relação, por meio da qual mostra aos homens uma verdade que pode também ser a deles (OLIVEIRA, 2012, p.141).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou não apenas mostrar a face de uma poetisa e o seu fazer poético. Mais do que apenas a estrutura de um poema, é possível observar que ele traz uma forte conotação social, que foi imprescindível para a interpretação dos versos, que traziam noções de justiça equiparadas com a descrição de uma realidade insana e injusta que acabou por tirar a vida de uma pessoa inocente e que buscou resolver a situação de forma branda e sem guerras. Sophia Andresen procura destacar não só o crime propriamente dito, mas lança um olhar de dignidade ante a situação, tornando-se um testemunho para os que ficam e a busca por dar continuidade aos ideais deixados por Catarina.

No último verso escrito por Sophia Andresen, é destacado que a luta não acabou com a morte de Catarina Eufémia, o senso de justiça ainda precisa ser alcançado para que atrocidades como essas não se repitam, embora o destino se torne incerto. Como afirma Quaresma (2002): lembrar de Catarina Eufémia é manter viva a sede de buscar a liberdade, será a preocupação das pessoas mais idosas, o que irá contribuir para passar um senso de testemunho para os mais jovens, sempre dando continuidade às questões debatidas há anos, mas que acabam se tornando atuais.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, Virgínia Bazzetti, **Antígona e Catarina Eufémia**: Figurações da justiça em Sophia de Mello Breyner Andresen. USP, p. 126 e 133, 2011.

CATARINA EUFÉMIA – 50 anos depois da morte. Disponível em <<http://www.pcp.pt/actpol/temas/pcp/catarina/index.htm>>. Acesso em 20 de jun. 2016.

FELIZARDO, Alexandre Bonafim. O lugar do ser: Topoanálise em Sophia de Mello Breyner Andresen. In: **Simpósio Internacional de Letras e Linguística**, 2; 2011, Uberlândia. Anais. Uberlândia: USP/UEG, 2011, p. 1 – 2.

LIMA, Renata Ribeiro; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. Os lugares de Sophia de Mello Breyner Andresen. Revista Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Luís, n. 1, p. 36, 2010.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**: poesia. – São Paulo: Cultrix, 1993.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. – São Paulo: Cultrix, 2008.

OLIVEIRA, Rita Barbosa de. **Sophia**: Reinvenções poéticas do feminino. UFAM

OLIVEIRA, Rita Barbosa de. **Sophia**: poema de mil faces transbordantes. Manaus: Editora Travessia, 2012.

PRATA Nair & CASTELHANO Glória. **Ditadura censura e o rádio**: uma história de semelhanças entre Brasil e Portugal. CAPES, Universidade do Minho.

QUARESMA, Bento Rodrigues. **Memórias das lutas antifascistas de 1954**. Artigo. Maio. 2012. Disponível em <<http://www.pcp.pt/actpol/temas/pcp/catarina/index.htm>>. Acesso em 20 de jun. 2016.

ROANI Gerson Luiz & MACHADO Rodrigo Corrêa (Orgs.). A emergência de abril em o nome das coisas (1977), de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Estudos linguísticos e Literários**, n. 51, p. 3 -4, 2015.

TORGAL, Luís Reis. **Histórias de Portugal**. – São Paulo: Unesp, 2001.

Recebido: 20/06/2016
Aprovado: 20/07/2016